



EDUCAÇÃO DIGITAL: OMAPA, A BÚSSOLA E O CAMINHO



Vivemos à beira de um novo oceano. Nossas crianças e adolescentes crescem diante de telas que brilham como faróis, chamando para mundos infinitos — alguns promissores, outros perigosos, todos desconhecidos. E nós, adultos, navegadores veteranos em mares que mudam a cada estação, precisamos aprender a entregar não apenas o barco, mas também o mapa e a bússola.

A educação digital se tornou o grande eixo do nosso tempo e sinto-me útil e feliz por fazer parte do time da Paloma no IGG — Instituto Gabriel Gastal. Já falei disso em outras crônicas, mas ao fazer planos para 2026, comprometo-me mais uma vez a fazer parte desse movimento que pretende erradicar o analfabetismo digital no Brasil e elejo este tema para ocupar o topo da minha lista de prioridades para o ano que vem.

Sei que o assunto é complexo, não se trata apenas de saber mexer numa máquina, mas de aprender a

habitar o território da tecnologia com consciência, cuidado e inteligência. Os perigos andam de mãos dadas com o fascínio.

As telas são sedutoras.

As plataformas são programadas para segurar nossos olhos, nossos dedos, nosso tempo — e, se não estivermos atentos, também nossa saúde emocional. O vício digital não chega de uma vez; ele se instala sutilmente, como água que escorre por frestas. Um “só mais um vídeo”, um “só mais cinco minutinhos”, e quando percebemos, o corpo está cansado, a mente acelerada e o coração desconectado do mundo real.

Não podemos esquecer que a exposição excessiva às telas, dificulta a concentração, causa dependência, isolamento, perda de sono, ansiedade, enfim, a lista de cuidados a serem tomados é enorme.

Mas reconhecê-los não é demonizar a tecnologia — é preparar o terreno para que ela não nos domine.

Inclusive porque a outra face da moeda é poderosa: oportunidades que seriam impensáveis há poucas décadas podem transformar a tecnologia em ferramenta de autonomia, liberação e ampliação de horizontes.

Mas, como toda ferramenta poderosa, ela exige ética:

- * respeitar a privacidade própria e a dos outros,
- * duvidar de conteúdos duvidosos,
- * checar fontes,
- * pensar antes de postar,
- * proteger dados,
- * rejeitar discursos de ódio,
- * entender o impacto emocional do que se consome,

* e lembrar que toda ação digital deixa rastros no mundo real.

Que possamos formar uma geração que não apenas consome tecnologia, mas a comprehende, a questiona e a transforma.